

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CURSO ARTES VISUAIS - ESCULTURA**

**PATRICIA DA MOTTA REZENDE SILVA**

***HOMO, HUMUS; FAMA, FUMUS; FINIS, CINIS. O HOMEM É TERRA,***  
***A FAMA É FUMAÇA, O FIM É CINZA***  
**OU RISCO DE VIDA**

**RIO DE JANEIRO**

**2016**

**PATRICIA DA MOTTA REZENDE SILVA**

***HOMO, HUMUS; FAMA, FUMUS; FINIS, CINIS. O HOMEM É TERRA,  
A FAMA É FUMAÇA, O FIM É CINZA  
OU RISCO DE VIDA***

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Artes Visuais  
- Escultura da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, como requisito parcial  
para obtenção do grau de Bacharel em  
Artes Visuais - Escultura  
Orientadora: Ana Cecília M MacDowell**

**RIO DE JANEIRO**

**2016**

**PATRICIA DA MOTTA REZENDE SILVA**

***HOMO, HUMUS; FAMA, FUMUS; FINIS, CINIS. O HOMEM É TERRA,  
A FAMA É FUMAÇA, O FIM É CINZA***

**OU RISCO DE VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais - Escultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais - Escultura, sob orientação da Prof. Me. Ana Cecília M MacDowell.

---

Profa. Me. Ana Cecília M MacDowell

EBA/UFRJ

---

Profa. Me. Gabriela Mureb

EBA/UFRJ

---

Profa. Dra. Beatriz Pimenta Veloso

EBA/UFRJ

**RIO DE JANEIRO**

**2016**

Dedico esse trabalho às minhas amadas  
Carol, Tereza, Marina na minha barriga  
aos meus pais e à querida Cila.

Agradeço à minha orientadora Ana Cecília  
M MacDowell pela generosidade, parceria  
desde o início e grandes ensinamentos.

Sempre em minha defesa mas com o  
rigor necessário e imprescindível.

Agradeço aos amigos Monica e Rafael  
por toda a ajuda.



## RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a composição de uma trajetória percorrida no curso de Artes visuais-escultura. O elo entre os objetos de interesse foram usados para articular esse trabalho pela tríade espaço – tempo – linguagem. Nessa monografia serão relatados primeiramente os trabalhos mais relevantes desenvolvidos ao longo do processo de graduação, as diferentes fases e os momentos que determinaram o que será trazido na segunda parte como um corpo teórico que se consolidou a partir de trabalhos mais próximos do fim do curso, onde houve a descoberta da poética e fundamentação dos princípios filosóficos apoiados nos textos de autores como Julia Kristeva, Edgar Morin e Didi-Huberman, bem como no pensamento de artistas estudados como Robert Smithson, Kiki Smith, Tunga e Louise Bourgeois deixando de fora tantos autores e artistas que seriam importantes mas que ainda serão aprofundados no futuro desencadeamento dessa pesquisa que pretende continuar em andamento.

**Palavras-Chaves:** corpo; afetos; matéria; tempo; espaço

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA-----</b>	<b>2</b>
2.1 O EMBATE DO CORPO COM SEUS ENCONTROS - ESTADOS DA ARTE-----	2
2.2. APRESENTAÇÃO DO PERCURSO-----	4
2.3. PÓDIO FLUIDO -----	11
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>



***Homo, humus; fama, fumus; finis, cinis. O homem é terra, a fama é fumaça, o fim é cinza***

**ou Risco de vida**

“O homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova”  
(FOUCAULT)

## 1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a composição de uma trajetória percorrida por mim desde antes de me encontrar no curso de Artes visuais-escultura. Hoje, tecendo esse trabalho final, percebo que as diferentes escolhas que fiz foram estruturais para fundamentar meu pensamento e dos trabalhos que venho desenvolvendo. Tive formação no teatro, na dança, no estudo do corpo humano (como anatomia e várias técnicas de terapias corporais) e na música. Na escola de Artes Visuais do Parque Lage comecei a juntar as informações do que vinha buscando até que ingressei na UFRJ no curso de Conservação e Restauração. Vivi dois anos nesse curso, com o pensamento voltado para interesses que não os do curso, mas sim pelo uso desse conhecimento para a produção de meus próprios objetivos. O estudo dos materiais e suas composições, a reação deles na química e suas utilizações formais, começaram a gerar em mim a necessidade de ir além, de ir pesquisar mais fundo sobre o que eu vinha desenvolvendo assim como a inserção do meu pensamento e da minha produção em relação à arte contemporânea. Foi quando eu encontrei o atual curso de Artes Visuais/ Escultura, efetivei a transferência de curso para possibilitar o direcionamento que pretendia e então concluir essa etapa de pesquisa.

Justamente por ter tantos pontos diferentes de interesse, ao mesmo tempo que me perco num estado caótico, percebo nesse estado de entropia uma potência e um elo entre os assuntos. Esse elo entre os meus objetos de interesse mostrou ser possível articular esse trabalho pela tríade espaço – tempo – linguagem.

Nessa monografia serão relatados primeiramente os trabalhos mais relevantes que desenvolvi ao longo do meu processo de graduação, as diferentes fases e os momentos que determinaram o que será trazido na segunda parte como um corpo teórico que se consolidou a partir de trabalhos mais próximos do fim do curso, onde houve a descoberta da poética e fundamentação dos princípios filosóficos apoiados nos textos de autores como Julia Kristeva, Edgar Morin e Didi-Huberman, bem como no pensamento de artistas estudados como Robert Smithson, Kiki Smith, Tunga e Louise Bourgeois deixando de fora tantos autores e artistas que seriam importantes mas que ainda serão aprofundados no futuro desencadeamento dessa pesquisa que pretende continuar em andamento.

## 2. JUSTIFICATIVA

### 2.1. O embate do corpo com seus encontros - estados da arte

Na fenomenologia a essência das coisas é percebida pela manifestação que se dá nos encontros, como os fenômenos da consciência se manifestam no tempo e no espaço. Aquilo que estabelece uma relação entre sujeito e objeto não mais automática, força um tipo de pensamento e, portanto, desvenda percepções. Os afetos que são gerados a partir do encontro com certos objetos são aqui o direcionamento da pesquisa.

A matéria visível é o que conecta, pela linguagem, o ser no tempo e no espaço. No embate do corpo com seus encontros é produzida a matéria que subsiste dessa relação. É onde se materializa e se difunde, através da linguagem para o campo espacial. Um corpo afetável tocado pelas impossibilidades existenciais. Esse corpo afetável, reage a impulsos aferentes e eferentes do sistema nervoso, produz vibrações, ações e reações, construções e desconstruções de camadas de uma consciência espacializada.

Em geologia, sedimentação é o processo de formação ou acumulação de sedimento em camadas, em ambiente aquoso ou aéreo, que inclui a separação de partículas de rocha provenientes do material do qual o sedimento é derivado, o transporte dessas partículas para o sítio de deposição, a deposição atual ou o assentamento das partículas, as alterações químicas e outras ocorrentes no sedimento e a consolidação definitiva do sedimento em rocha sólida. Esse processo tem analogias com muitas outras operações em diferentes meios, desde o movimento de átomos, células ou estrelas e galáxias até movimentos menos óbvios como o do pensamento e das conexões subjetivas ou energéticas. Essa analogia de processos que o artista estadunidense Robert Smithson criou, entre o funcionamento mental e o geológico, aproxima-se justamente do que nessa pesquisa é chamado de espaço "entre", do atravessamento do corpo pela linguagem. As fissuras entre mente e matéria se multiplicam em uma infinidade de lacunas de modo que mente e matéria se confundem interminavelmente.

“um mundo frágil e fraturado cerca o artista. A mente e a terra encontram-se em um processo constante de erosão: rios mentais derrubam encostas abstratas, ondas cerebrais desgastam rochedos de pensamento, ideias se decompõem em pedras de desconhecimento, e cristalizações conceituais desmoronam em resíduos arenosos de razão. Esse fluxo lento torna consciente o turbilhão do pensamento. Colapsos, deslizamentos de escombros, avalanches, tudo isso acontece dentro dos limites fissurados do cérebro. O corpo todo é sugado para o sedimento cerebral, onde partículas e fragmentos se fazem conhecer como consciência sólida.” (SMITHSON, 1968)

A relação entre os corpos produz efeitos e atributos imateriais, eles não existem mas subsistem. É gerada uma faísca emocional no tempo que se traduz na forma de afeto. O corpo afetivo é uma conjunção entre o corpo e o acontecimento. Quando a percepção se amplia para além do olhar comum, é possível se afetar com coisas que sempre estiveram ali mas nunca foram percebidas. Esse momento que acontece o toque (que pode aqui ser interpretado por várias maneiras, físicas, subjetivas, etc) proporciona a afetação que será objeto dessa pesquisa.

A linguagem – lá onde, desde o fundo dos tempos, a linguagem se entrecruza com o espaço. No deslocamento das ideias e imagens pelo espaço e tempo, o tempo é

mediador da linguagem ou melhor, uma interface, elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente, com a comunicação. O espaço "entre" também pode nos levar a pensar na pausa. A pausa é um cheio, é um tempo preenchido de inteiro, é quando acontece, quando se vê, se ouve, se sente. É na pausa que se dá a oportunidade do encontro. É quando se rompem os limites entre as matérias, é quando, do embate, algo novo acontece e mesmo que imperceptível ao olhar, se transmuta em novo estado. No teatro a pausa é fundamental, é o momento de respiração, de reflexão, onde se diz nas entrelinhas o não dito, o indizível. No trabalho de parto, a pausa entre as contrações é uma eternidade, momento de se reconectar para a próxima contração e ganhar força de encontro. Na música, no movimento das ondas é quando se ganha fôlego, tanto para quem emite quanto para quem chega o som. O compositor, teórico musical, escritor e artista estadunidense, John Cage foi o pioneiro da música aleatória, da música eletroacústica, do uso de instrumentos não convencionais, bem como do uso não convencional de instrumentos convencionais, sendo considerado uma das figuras chave nas vanguardas artísticas do pós-guerra. Sua matéria prima é o óbvio, o cotidiano – tudo o que já existe, mas que passa despercebido ao sentimento geral – eleva o barulho-ruído ao status de música, fazendo o mesmo com o silêncio. Ele conseguiu explorar os fenômenos do silêncio, da pausa, dos ruídos e revolucionar vários níveis de pensamento na arte. Para ele, não existe diferença entre tempo e espaço, não se sabe quando um começa e quando outro termina. Justamente pela percepção e inclusão da pausa, que seria naturalmente uma divisão entre tempo e espaço.

## 2.2. Apresentação do percurso

Antes de ingressar no curso de Artes Visuais - Escultura, eu vinha pesquisando a materialidade dos corpos, a transmutação subjetiva e matéria desses corpos e as mutações possíveis dessas matérias. Como a partir da sobreposição de vida e morte, na quase sincronicidade da gestação de um filho (e posterior morte) com o câncer da mãe, vida e morte, duas das maiores transmutações existentes, faz emergir o que não cabe dentro do corpo em mutações incontroláveis que atravessam esse corpo e que modificam a matéria em todos os níveis.



*"Delicário". cera, cimento, vidro, remédios, cabelo, agulhas, pigmento. 38x38cm. 2013*



*“Cordão”, cera, rede metálica, fio de cobre, pigmento, madeira, 20x12cm. 2013*



*“Tetão”, cera, cimento, pigmento, madeira, 25x22cm. 2013*



"Tarja mãe 1", cera, papel, placa de ferro. 27x23cm. 2013



"Tarja mãe 2", cera, papel, placa de ferro. 27X23cm. 2013





*"Tetamãe", instalação, cimento, pigmento, cera, chumbo e cobre, medidas variáveis, 2013/2016*



*"Tetamãe"(detalhe), instalação, cimento, pigmento, cera, chumbo e cobre, medidas variáveis, 2013/2016*





*"Berço 1", Cimento, arame, fotografia, agulhas, cera, 32x35,5 cm. 2013*



*"Berço 2", Cimento, arame, fotografia, agulhas, cera, 35,5x32 cm. 2013*

As imagens acima são de trabalhos realizados em 2013, um ano antes do meu ingresso no curso de Artes Visuais, ainda cursando Conservação e Restauração na mesma Universidade. O processo de criação se deu de forma investigativa dos materiais como o veículo para a subjetividade. O uso de elementos coletados dos procedimentos médicos das intervenções, tanto da inseminação artificial como do tratamento de câncer, foram usados como relíquias e vestígios dessa história. As formas abjetas surgiram da aglutinação de agulhas, remédios, cabelos, ceras, metais, bulas, memórias, afetos. Emaranhados de afetos abjetados como pedaços de mutações que não cabem nem no corpo nem no espírito, abortados, excretados, excluídos. Uma alquimia que transforma a pulsão de morte em nova significância.

"Esses humores, essa imundície, essa merda são aquilo que a vida suporta com muito custo e ao custo da morte. Ali eu estou nos limites de minha condição de viva. Desses limites se livra o meu corpo como (corpo) vivo. Esses dejetos caem para que eu viva, até que, de perda em perda, nada mais me reste, e que meu corpo caia por inteiro para além do limite, cadere, cadáver (...) A abjeção de si será a forma culminante dessa experiência do sujeito ao qual é revelado que todos os seus objetos repousam somente sobre a perda inaugural fundante do próprio ser. Nada melhor do que a abjeção de si para demonstrar que toda abjeção é de fato reconhecimento da falta fundadora de todo ser, sentido, linguagem, desejo."

(Kristeva, 1980)

Nesse sentido, quando Julia Kristeva descreve sobre o abjeto e das condições de contraponto entre o mundo interior e o exterior, assim como das reminiscências traumáticas às emoções dicotômicas do cotidiano relacional, com as quais sistematicamente negociamos, os trabalhos aqui apresentados parecem se relacionar com a produção da artista francesa Louise Bourgeois. Bourgeois lida com uma consciência profundamente humana, trágica e brutalmente cruel da existência. Exprime em suas obras uma linguagem particular, cujo conteúdo esteve profundamente ancorado na história pessoal e em questionamentos existenciais especialmente voltados para a condição feminina, onde o corpo humano foi matéria e referência para a artista na representação destas e de suas pulsões.

Outro artista que se aproxima dos trabalhos práticos desenvolvidos nessa pesquisa é o mineiro Farnese de Andrade. Seus temas mais constantes são relacionados à noção de vida, fecundação, germinação, nascimento e também de morte. Essas características são indicadas pela fragmentação dos corpos e pelo uso de

assembléens que compõem suas obras a partir de objetos coletados ou comprados usados em lojas de antiguidades e depósitos de demolição. O uso de oratórios, gavetas, fotografias de família, balas de canhão, ex-votos, redomas de vidro e tantos objetos encontrados por ele, constituem sua poética, pautada no inconsciente e na subjetividade de sua expressão. A exploração da memória e de uma arqueologia existencial é o que aqui se aproxima dessa pesquisa. Porém, entre tantas proximidades é possível identificar certa diferença na abordagem religiosa de Farnese e os trabalhos aqui apresentados. "Delicário" é um lugar para abrigar o corpo, o corpo que é o próprio santuário, lugar/ estado/ ponte entre o mundo físico e espiritual. É nele mesmo (corpo) que se manifestam os estados entre a matéria e o que se desconhece.

### 2.3. Pódio Fluido

Ao ingressar no atual curso em 2014, novas linguagens foram exploradas como a performance, a instalação e o movimento cinético e sonoro entraram para o repertório de novos trabalhos. De forma embrionária já havia um olhar voltado para esses meios, principalmente quando relacionados com meus estudos anteriores no teatro, na dança e na música. Nesse mesmo período de transferência de curso, houve um concurso realizado pela engenharia da UFRJ, a COPPE em parceria com o curso AVE/EBA para a exposição Interfaces e Fronteiras: Arte & Ciência, Homenagem a Maurício Salgueiro<sup>1</sup>, onde eu fui vencedora do concurso e premiada para realizar um trabalho dentro da exposição, no qual obtive orientação da professora Cila MacDowell durante todo processo.

---

<sup>1</sup> Vídeo disponível em <<http://vimeo.com/108693503>> Acessado em: 27 de junho de 2016. Duração 13'30"

## O CONCURSO EM HOMENAGEM A MAURÍCIO SALGUEIRO

A exposição *Interfaces e Fronteiras: Ciência & Arte* promoveu um concurso com os alunos da Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA-AVE-Curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura), sob a coordenação das professoras Kátia Gorini e Cila MacDowell.

A premissa básica do concurso foi elaborar uma obra-intervenção no prédio da Coppe-CT2, com base nos trabalhos do artista Maurício Salgueiro, abordando o tema “Interfaces e Fronteiras: Ciência e Arte”, cujo texto conceitual foi elaborado pela curadora artística e historiadora Angela Ancora da Luz.

51

A Comissão Julgadora foi composta por: Cila MacDowell (Curso de Artes Visuais com ênfase em Escultura EBA/UFRJ); Fernanda Metello (Coppe/UFRJ); Isabel Cristina Alencar de Azevedo (Casa da Ciência/UFRJ); Maurício Salgueiro (artista plástico homenageado); e Paulo Emílio V. de Miranda (Coppe/UFRJ).

A instalação de arte Pódio fluido, proposta pela aluna Kika Motta, foi a vencedora do Concurso realizado no primeiro semestre de 2014 e que compõe parte desta exposição.

Trecho da publicação do catálogo da exposição

### PÓDIO FLUIDO

por KIKA MOTTA

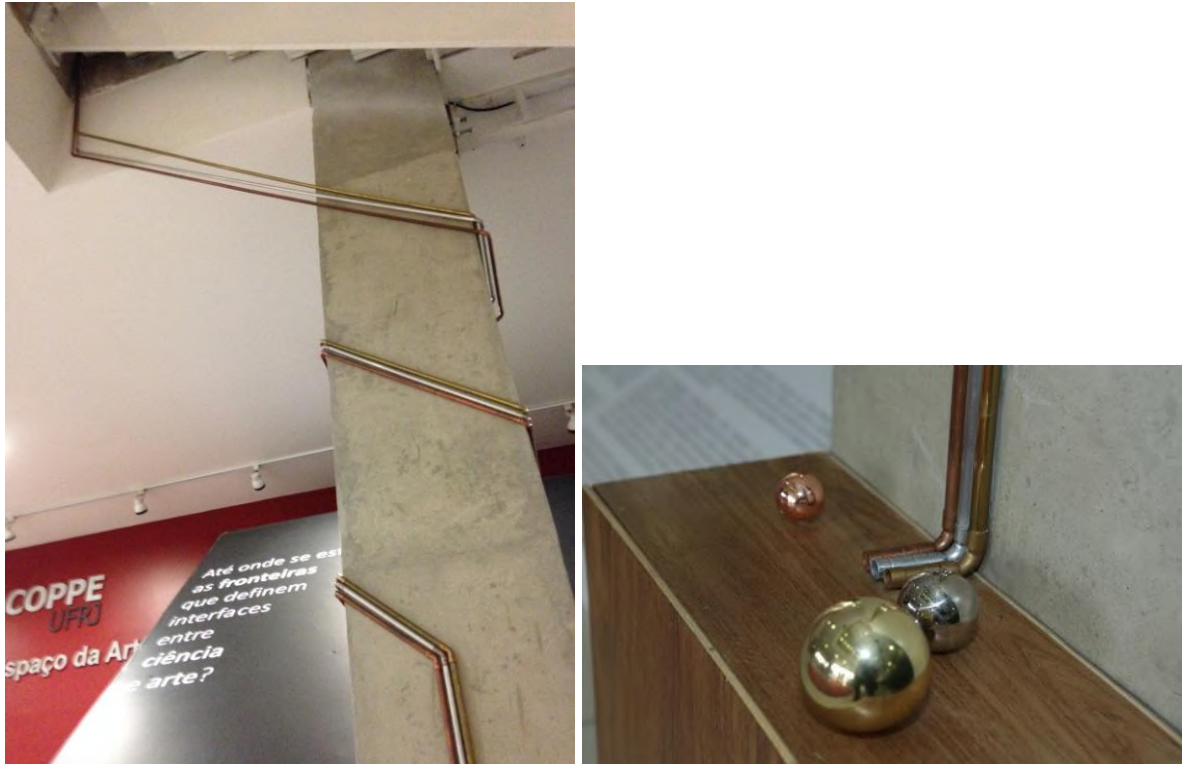
A instalação de arte Pódio fluido, proposta para a exposição *Interfaces e Fronteiras: Ciência & Arte*, conduz a um deslocamento no olhar e imaginação para o fluxo das cidades, o movimento das máquinas, do corpo, com seus fluidos percorrendo e lubrificando estruturas. Arte, arquitetura e engenharia se aproximam na experiência com materiais em busca de soluções espaciais. Com abordagem contemporânea, nessa instalação são reverenciados os materiais utilizados na escultura tradicional em ligas de bronze, cobre, latão e até mesmo o alumínio. Metais aludem ao poder, conquista, evolução, mas aqui seguem juntos, sem competitividade. A insinuação simbólica das linhas em tubos metálicos desenha o espaço e sugere que esses metais passem ao estado líquido retornando à terra. Água e emoção estão diretamente correlacionadas num sentido subjetivo da psique. Emoção que se tem no encontro com a arte, no jogo, em conquistas do ser humano. A presença do som na instalação faz referência à *Taça das bolinhas* criada a partir da potência emocional do jogo de futebol na alma brasileira. Um percurso é dado a partir da indicação sonora de gotas que pingam suavemente, passando por sons de uma multidão ao assistir a uma partida de futebol, analogamente compostos a sons de líquidos em diferentes intensidades. Pulsa um coração, muitos corações batem palmas.

55

Trecho da publicação do catálogo da exposição

Esse prêmio é de grande relevância para a profissionalização como artista. Nele participei de um edital, onde toda a proposta foi detalhada num projeto ousado pela grande dimensão, cumprindo com todas as etapas, desde o detalhamento e todo o planejamento de custos, de logística de preparação até a montagem do trabalho. Foi um grande desafio colocar as ideias em prática, trabalhar com materiais, ainda não experimentados, em larga escala e a complexidade da montagem da instalação no local, seguindo as exigências de todas as ordens. A proposta era uma grande instalação sonora, com a poética de fluidos corporais atravessando espaços. Além dos dispositivos sonoros, os materiais utilizados foram metais nobres como cobre, latão e alumínio. Um dos primeiros desafios foi lidar com empresas que vendem esses materiais, mas de forma padronizada. A utilização desses materiais num uso diferente (artístico) requer uma grande pesquisa e adequação dos usos, como por exemplo, na coluna que seria envolvida com tubos e conexões, presos só pelo encaixe - sem furar a parede - e não existiam conexões similares para os diferentes tubos, nem uma mesma forma de unir cada metal nessas conexões. Outros desafios foram surgindo ao longo do processo, como lidar com um pensamento matemático e geométrico para resolver os cortes e encaixes dos tubos, a pesquisa de tipos de colas e soldas para esse material e a inserção do áudio (assim como a criação do som e pesquisa de equipamentos) numa caixa de madeira confeccionada em medida específica para encaixar na base da coluna.





*"Pódio fluido", instalação sonora, cobre, latão, alumínio, madeira, mídias sonoras, 2014*

Uma escolha acertiva foi usar parte do dinheiro para comprar ferramentas e materiais para desenvolver esse trabalho, viabilizando a compra de ferramentas novas. A exigência física provocou o embate do próprio corpo na manipulação das grandes chapas e tubos pesados de metal. Os três objetos feitos com chapas dos metais foram feitos em atelier em processo individual, o próprio corpo usado como ferramenta para dobrar e dar a forma desejada para essas pesadas chapas. Foram utilizadas também algumas ferramentas de corte como a esmerilhadeira, a serra tico-tico, furadeira, alicates, mas não as ferramentas de uso industrial próprias para a manipulação de placas e tubos dessa escala. O trabalho performático que não se vê no trabalho exposto, está em camadas inapreensíveis, ou no coeficiente artístico duchampiano entre a intenção do artista e o que é gerado nessa fusão.



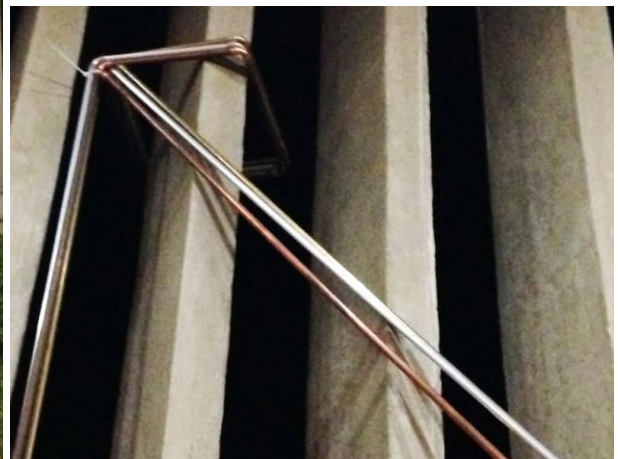
“Pódio Fluido”. instalação sonora, latão, alumínio, cobre e mídias sonoras. 2014



“Pódio Fluido”. instalação sonora, latão, alumínio, cobre e mídias sonoras. 2014

Dentro de cada objeto continha um dispositivo sonoro com áudio mixado e tempo de sonorização determinado para cada peça. Para essa etapa de realização foi contratado um técnico que executou a programação sonora.

Para a montagem no local contei com a ajuda fundamental de um assistente. Durante todo o processo do trabalho a orientação da Professora Cila MacDowell foi imprescindível. A montagem também se revelou um grande desafio pela complexidade da proposta. Um instalação percorrendo a área interna do prédio, passando pro lado de fora, abraçando literalmente as estruturas, algumas vezes chumbadas nas paredes, outras no encaixe preciso de elementos pesados suspensos, se estendendo num jardim de aproximadamente 50 metros de comprimento e 20 de largura.



"Pódio fluido", instalação, vista e detalhe



### 3. METODOLOGIA

A tríade espaço – tempo – linguagem permitiu a escolha de alguns aspectos aparentes na produção dos trabalhos práticos: a exploração dos afetos e suas manifestações, os encontros e os acontecimentos, a comunicação e a linguagem, os movimentos (geológicos, corporais e energéticos), as metáforas geológicas e a transmutação tanto subjetiva como da matéria (na alquimia, na física e na genética). Comecei a tramar uma rede de conexões entre essas questões que me afetam, tive que excluir algumas da pesquisa, introjetá-las e me concentrar em outras.

Todo movimento, todo embate, todo gesto de comunicação gera uma marca na matéria, mesmo que imperceptível. Uma memória no tempo. Explorar as relações entre o corpo e o inconsciente admite a possibilidade de investigar o transbordamento do corpo. Essa pesquisa é o resultado de uma escavação da memória, ou, desse lugar que não é nominável – o "entre" – onde posso jogar, ter a liberdade de fazer as conexões e sugerir as imagens (a matéria) que retiro dessa escavação, da profundidade.

Fui buscar no embate do corpo com a matéria tudo que literalmente e essencialmente, carregamos, ingerimos, encontramos. Nesses encontros e acontecimentos, o que permeia a matéria e o sentido, entre o físico e o sutil, entre o palpável e o sublime, reverbera o que subsiste nas relações e experiências. A formalização do frágil, do efêmero, das coisas que não permanecem. A vontade de compartilhar o finito, aquilo que irá terminar. O encontro produz algo que não se designa pela linguagem, como a denominação de sentimentos que se mostra inalcançável.

Essa pesquisa alimenta também questões sobre o corpo, fluidos corporais, corpo matéria e corpo subjetivo, mas sobretudo no embate desse corpo com seus encontros. O que acontece no espaço "entre", onde está o que não se vê. Uma experiência poemática (sic) de que a vida é, no fundo, uma construção da morte. Mas não a morte conhecida e sim a morte que acontece a cada encontro.

Um estado de complexidade que se aproxima do que o antropólogo, sociólogo e

filósofo francês, Edgar Morin, propõe com o conceito de pensamento complexo em lugar da simplificação e da fragmentação do conhecimento. Para Morin, os saberes foram submetidos a um processo reducionista que acarretou a perda das noções de multiplicidade e diversidade. Quando acessamos, numa mesma experiência, percepções vindas de múltiplos lugares, abrimos os canais de sensação e de conhecimento para nos conectarmos com um estado novo, um estado de criação em campo aberto.

Quando o conhecimento é fragmentado, perde-se uma potencialidade e adquire-se um olhar rotulado e estereotipado. O que parece não acontecer, por exemplo, no trabalho da artista alemã, radicada nos Estados Unidos, Kiki Smith quando ela aborda assuntos como a morte, o corpo, os fluidos e principalmente o feminismo sem ser óbvia e reducionista a fim de não fechar toda sua poética nesse último aspecto. Smith não retrata temas especificamente do universo feminino como maternar, gestar, parir, mas sim abre para esse corpo no qual a condição do sujeito é perturbada.

A noção de complexidade proposta por Edgar Morin, é trazida para a reflexão dos trabalhos práticos dessa pesquisa, como: "Jorro" (figura 1), "Afetos - parte 1" (figura 5) e Afetos - parte 2" (figura 6); quando me refiro à questões como a homossexualidade, à questão de gênero e ao feminismo. A filósofa pós-estruturalista estadunidense, Judith Butler, pretende historicizar o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, que fornece às feministas possibilidades limitadas de problematização da "natureza biológica" de homens e de mulheres. Assim, ela questiona a coerência entre um sexo, um gênero e um desejo, como sendo obrigatoriamente heterossexuais na atual sociedade.



figura 1: "Jorro", cimento, tubo de ensaio, água oxigenada e permanganato de potássio, 2015

Inicialmente essa série de trabalhos foi realizada como uma instalação em que quatro tubos de ensaios foram cimentados em pontos específicos das paredes da Universidade e dentro deles foram colocados elementos que, ao entrar em contato com essas fendas, reagissem de maneira específica. Os buracos e fendas das paredes e instalações mal conservadas possuem histórias, vivências próprias, carregam afetos de tempos. As marcas visíveis passaram por atravessamentos que subsistem e que não temos acesso a não ser pelo que se apresenta. A proposta foi extrair dessas paredes as suas histórias, através de processos e reações químicas. Pelo estudo da alquimia, alguns elementos combinados mexem com as energias através da transmutação (que além de física tem também uma conotação relacionada à mudança de consciência, à cura e à elevação espiritual). As reações dos três últimos tubos foram mais sutis e precisariam de mais tempo para serem avaliadas, o trabalho continua em processo. Esses objetos tem uma condição de transparência onde é preciso o olhar atento para perceber a inserção deles no espaço e também as reações que estão ocorrendo dentro deles.

Segue uma breve descrição:

O primeiro tubo, “Jorro” (figura 1) continha água oxigenada com permanganato de potássio. Ao contato entre os materiais, instantaneamente foi jorrado um extravasamento das reações. O tubo “Grosso” (figura 2) tinha sal grosso e iodo, o contato entre esses materiais, corpos, produziu uma reação visível imediata da coloração do sal pelo iodo, até onde esse penetrou. O tubo “Duro” (figura 3) foi preenchido com cimento, areia e água de goteira. Espera-se que se enrijeça o mais rápido possível. O tubo “Fio” (figura 4) completado com água oxigenada, sal grosso e fio de cobre é o de reação mais lenta, possivelmente irá oxidar pelo contato do cobre com a humidade, o sal e a gordura do contato dos corpos.



figura 2. cimento, tubo de ensaio, sal grosso e iodo



figura 3. cimento, tubo de ensaio e água de goteira



figura 4. cimento, tubo de ensaio, sal grosso, água oxigenada e fio de cobre

O trabalho "Jorro"<sup>2</sup> se desdobrou em um vídeo no qual a velocidade de ação dos elementos reagentes foi ralentada, adicionando um som de lavas, bolhas e erupções, gravado e mixado para produzir uma atmosfera específica para o objeto em ação de jorro. Um tubo de ensaio cimentado numa fenda de uma parede em ruínas. Dentro do tubo, água oxigenada e permanganato de potássio provocam uma reação química eruptiva. Através da alquimia dos elementos essa experiência propõe um movimento que se remete a movimentos corporais, geológicos e espirituais. Culturalmente, o jorro é associado ao objeto fálico masculino, mas o jorro vermelho aqui propõe uma reflexão de quantos tipos de jorro podemos perceber nessa relação.

---

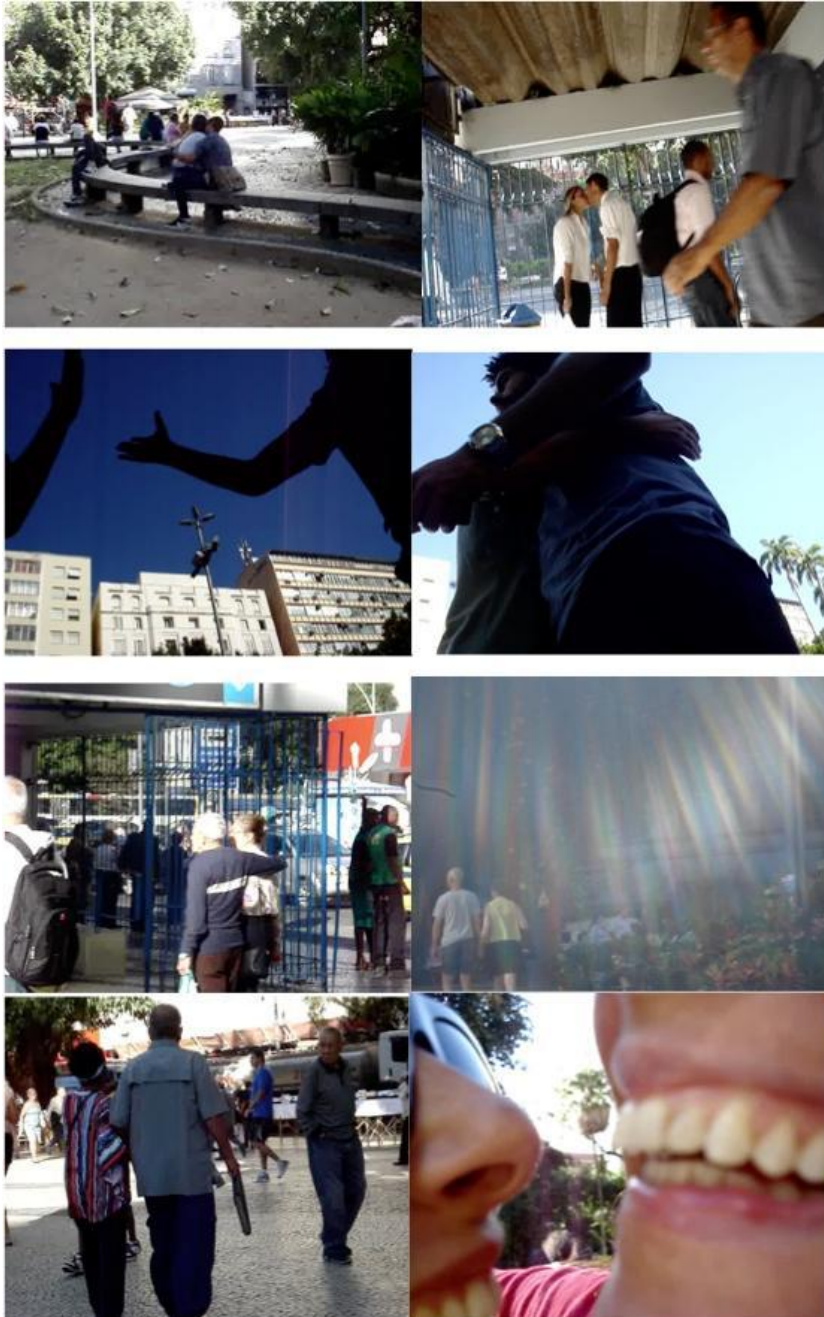
2 vídeo Disponível em: <<https://youtu.be/V3ob7My2oN8>> Acessado em: 3 de junho de 2016. Duração 1'41".





figura 5. “Afetos – parte 1”, printscreens de video-performance. duração 1'18", 2014  
<https://youtu.be/7LWZRIYddUY>

A performance “Afetos-parte1” teve como condição ser realizada para uma câmera em close. Aparentemente, um beijo que não se sabe quem beija, mas assim como a câmera, está enquadrado. Ao fundo um texto é ecoado de pensamentos que podam a liberdade dos afetos. Falas de teor bélico ferem a experiência de uma situação supostamente comum em seres humanos, o beijo. Ainda hoje, encontram-se barreiras sociais em questões de gênero e sexualidade. A privação da demonstração de algumas atitudes se confronta com tantas outras questões políticas e religiosas, atualmente no Brasil, que propõe reflexões sobre a ética dos relacionamentos sociais.



*"Afetos – parte 2". printscreens de video-performance. duração 6'30", 2014*  
<https://youtu.be/qRCynle9NZs>

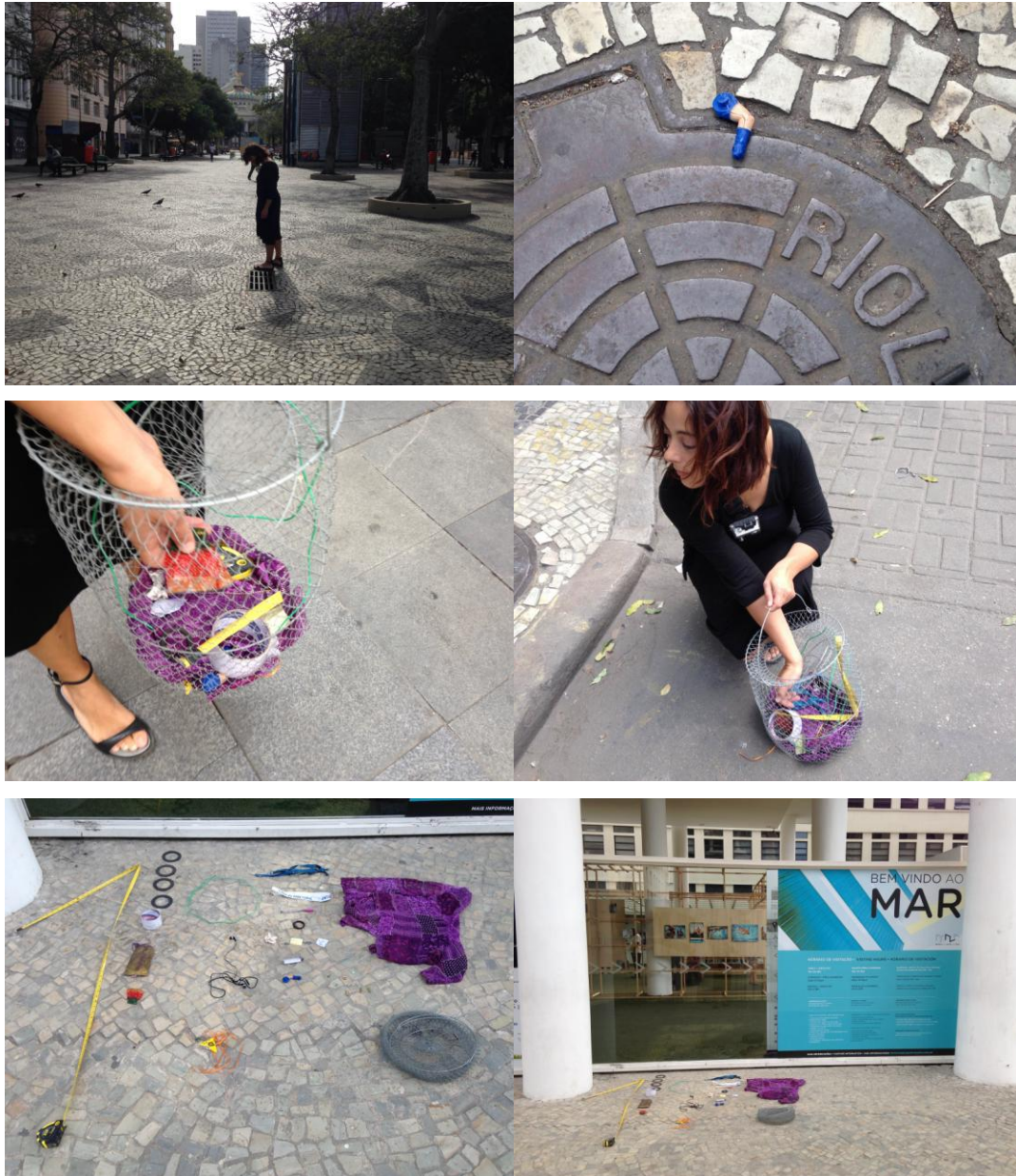
Diferente da proposta anterior, a performance "Afetos - parte 2" foi realizada numa praça no Largo do Machado e com uma câmera escondida, flagrando manifestações de afetos realizáveis socialmente em ambiente público, ou melhor socialmente admissíveis. Eis que no final, duas mulheres, sendo que uma delas visivelmente grávida se encontram e se beijam no meio da praça.

A subversão de uma ordem estabelecida da performatividade normativa dos papéis e de uma lógica binária de homem x mulher, macho x fêmea, pênis x vagina, é uma forma de entender o corpo, sua materialidade e seu impulsos de afetos, nesse caso se relacionam com o conceito de corpos abjetos, desenvolvidos por Judith Butler, dicotomias que não deveriam existir dentro de determinada matriz cultural. Essa característica de ser abjeto também está presente em trabalhos mais antigos, realizados antes do ingresso no curso de Artes Visuais e que agora faço essa correspondência entre o desenvolvimento de alguns trabalhos ao longo desse percurso.

Em 2015, outra performance foi realizada. *"In desertorum est via"* (*O abandono encontra o caminho*). Uma caminhada pelo centro da cidade. Local escolhido pela grande circulação de pessoas advindas de diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro e outras, sendo portanto uma amostra diversificada de tipos de pessoas. O percurso foi feito com objetividade e concentração a coletar objetos de afetos deixados - esquecidos, abandonados, largados, perdidos, descuidados, jogados fora, desprendidos, etc - por seus donos. O trajeto se iniciou na praça da Cinelândia e terminou em frente ao MAR (Museu de Arte do Rio) e os materiais recolhidos pelo caminho foram dispostos em exposição no chão onde permaneci junto a eles, por tempo não estabelecido, previamente junto ao local.

As relações que se criam com os objetos de desejo são aqui questionadas. O desejo de consumo por coisas materiais que o mundo moderno e o capitalismo estabeleceu é tão intenso que faz com que objetos se transformem em afetos. Afetos palpáveis, manipuláveis, capazes de conduzir relações, gerar conflitos, compor tantas situações. Afeto X abandono. Para muitos lados essa tensão de sentimentos pode variar. Como lidar com o valor (que passa a ser imaterial, subjetivo) de afetos de coisas? como lidar com o abandono? Pelo caminho muitas outras perguntas às coisas encontradas são geradas. Afetos-abjetos se tornarão relíquias de um passado misterioso, que um dia percorreram uma trajetória, até chegar a essa situação.





*"In desertorum est via" (O abandono encontra o caminho), registros de performance, 2015*

No final de 2015 participei da exposição Novas Poéticas - diálogos expandidos em arte contemporânea, na UFRJ, onde foi apresentado o trabalho "Cartografia do abandono". Essa pesquisa começou com uma caminhada pelo campus da UFRJ e nesse percurso descobri diversas formas-objetos apropriadas como minhas. Mas esse sentimento de apego não levou a querer pegar-lhes para mim, mas sim para manifestar essa faísca gerada pelo afeto que se fez desse encontro. O foco da procura eram objetos de afetos e que dialogassem com o campo da escultura, do objeto no espaço. Eles foram nomeados com títulos de obras de artistas como Brancusi e Richard Serra, entre outros. Esse tipo de ação pretende escapar do ordinário, pretende ser um signo que rompe com o comum das coisas, que abre uma

fenda no real. A proposta foi uma deriva pelo mesmo trajeto feito anteriormente (e que foi documentado com fotografias) mas para a exposição Novas Poéticas foi feito um registro em vídeo dessa performance.

Depois foi feita uma cartografia do entorno do campus da EBA, demarcando as esculturas apropriadas (com placas de MDF de 10x15cm e o título deixado ao lado de cada obra) e confeccionado um bloco de 100 folhas tamanho A3 disposto com dois grandes pregos em um painel expositivo em chapa de compensado de 63x73 cm, propondo que as pessoas pegassem uma folha desse bloco e percorressem o trajeto como uma experiência poemática construída individualmente em seu próprio deleite. Paralelamente, em uma televisão foi transmitido um vídeo em looping do registro da performance exibida em televisor 14 polegadas sobre pedra.



"Cartografia do abandono", vídeo em looping, televisor 14" sobre pedra e placa de MDF 10x15 cm



"Cartografia do abandono", impressão sobre papel A3, 2 pregos de ferro, chapa de MDF de 63x73cm

Outro trabalho relevante é "Manda-bala", desenvolvido a partir das disciplinas Escultura 3 e videoarte<sup>3</sup>.



"Manda-bala", motor, aço, chumbo, cobre, latão, madeira, 2015

---

<sup>3</sup> Vídeo disponível em <<http://cargocollective.com/museuemprocesso/Kika-Motta>> Acessado em: 27 de junho de 2016. Duração 38"



Um motor de máquina de lavar, um cabo de vassoura, peça de metal de máquina de lavar, fios de cobre, chumbo de pesca, cartuchos de bala de revólver soldados com chumbo de pesca nas pontas e caixa de madeira. O motor faz essa estrutura sucateada rodar e os fios com as balas nas pontas giram, como num brinquedo de parque de diversões chamado chapéu mexicano.



"Manda-bala", detalhe

Projetado sobre essa peça em movimento, há um vídeo extraído do *Youtube*, de um “show de tiros de traçante” feito por americanos civis, inclusive crianças atirando. O vídeo foi editado e incluído um som mixado de caixinhas de música com batidas eletrônicas e música de parque de diversão. O consumo pela guerra e dos meios de comunicação de massa, que impulsionam esse gosto e incentivam a cultura da tragédia se misturam com o entretenimento típico de parque de diversões decadente de uma cidade do interior ou de um subúrbio, onde a diversão é alcançada a qualquer custo. No meio de uma guerra na favela ou qualquer outra que vemos noticiada, parece que há um prazer e uma diversão camufladas do próprio sadismo humano, que literalmente denota a excitação e o prazer provocados pelo sofrimento alheio.



"Manda-bala", vídeo, 5'24", 2015. <https://www.youtube.com/watch?v=xhY2hxkaAYQ>

Em outro trabalho realizado em 2016, que chamei de "amostra de afetos", Comecei colecionando em frascos de vidro de diversos tamanhos, "amostras de afetos", que é a materialização do que descrevo sobre esse processo de embate entre os encontros. É o que subsiste das experiências. Ele é feito com 4 prateleiras de madeira redondas com uma abertura no centro, ficando com 4 cm de largura e outra abertura de 6 cm em um pedaço do disco formando um semi-círculo. Essas prateleiras são sustentadas pelos frascos de vidro, que apoiam a prateleira superior, até a última. Dentro dos frascos, elementos diversos de origem mineral, vegetal, animal e sintética. Esse objeto inicialmente foi concebido como um protótipo de uma espécie de cápsula do tempo, onde uma pessoa entraria nesse espaço e se colocaria num ambiente, como um sítio arqueológico de escavações da memória. Um lugar num tempo indefinido, em que se possa vir de encontro com a essência das coisas e se deslocar para além da matéria.



*"Amstras de afetos"*, madeira, vidro, elementos minerais, vegetais, animais e sintéticos, 40x30cm, 2016

Por fim, uma imagem do cartaz da exposição "Influxo" contemplada pelo edital do Espaço Vórtice, UFRJ, onde participei em maio de 2016 da mostra coletiva, juntamente com Monica Coster, Marco Sampaio e Rafael Lima e curadoria da Professora Beatriz Pimenta



Cartaz da exposição "Influxo", Espaço Vórtice, 2016

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações não são um fim e sim um recomeço, uma continuidade. O que podemos perceber depois de reunir num trabalho de conclusão de curso, uma mostra de pensamento e experiências é a potência que o movimento gerado a partir do que foi feito provoca e convoca para novos ciclos de pesquisas.

Não proponho uma conclusão, proponho novos e constantes questionamentos. Esse espaço que se abriu após a realização desse trabalho é o que trago como reflexão para o aprofundamento das questões levantadas. Como parte do desenvolvimento desse espaço, proponho uma exposição no dia da apresentação desse TCC com trabalhos pensados e realizados ao longo desse período. Eles constituem a continuidade dessa pesquisa. Não os vejo como um resultado e sim como um trânsito entre a visualidade e a palavra. É uma demonstração das questões levantadas pela prática artística. As obras que serão apresentadas trazem um repertório de elementos conjuntivos que separam e ao mesmo tempo conectam o corpo (ou matéria) aos encontros e do que deles podem ser extraídos como nova forma de subsistência. Ainda persiste a questão de geração de afetos entre os corpos e do que é revelado pelo encontro deles. A exploração do espaço mental experimentado de várias formas, juntando coisas materiais com elementos mais sutis, coisas de todas as ordens, ativando a possibilidade de fenômenos, de coisas que vem à luz e que você dá à luz ao enunciar.

Assim como cada artista tem uma família de artistas que fazem o mesmo caminho mental, que olham o mundo de modo parecido, além dos que já foram mencionados trago o artista pernambucano Tunga para o rol da minha família. A exacerbada presença material em suas obras e toda a subjetividade que permeia seu trabalho, assim como seu pensamento em relação à arte me conectam a esse artista. Frequentemente lidando com o excesso - muitas de suas obras foram realizadas através do acúmulo de materiais pesados (ferro, cobre, ímã) -, ele apresenta objetos comuns que passaram por transformações. Seu interesse no inconsciente e, particularmente, nos processos associativos das engrenagens do sonho, bem como na figura da metáfora, o levou a construir obras de arte com ramificações e efeitos de significado múltiplos. Estes se entrelaçam com enunciações do fantástico,



penetrando num universo barroco onde não se pode distinguir o real do imaginário. A justaposição de materiais, muito mais que efeitos formais, sugerem uma relação alquímica por meio da matéria. A associação de histórias ficcionais à partir de motivações reais é a possibilidade da exploração de um espaço que lida com a construção de imagens. A junção de elementos nessa pesquisa, reúne tais possibilidades e se desvendam em ações no tempo similar a de rituais. Um ritual só acontece na conjunção de sujeitos, de tempo e de espaço. Ao produzir um objeto de arte, especialmente os que tangem essas características, no ato e no desenrolar do gesto a ganhar um sentido ritualístico. O ritual esboça comportamentos de troca que ganha valor comunicativo. Nesse sentido, proponho relacionar o que chamo de espaço "entre" com o que se pretende ao realizar um ritual. Algo que irá acontecer a partir do encontro entre corpos e matérias e esse encontro estando carregado de sua função remota de ritual.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LINDOTE, Marta Lúcia Pereira Martins. **Entre a grade e a espiral: sobre algumas narrativas ficcionais de tunga**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor Doutor Raúl Antelo, para a obtenção do título de Doutora em Teoria Literária., Florianópolis, Santa Catarina, p. 1-415, jul. 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102681/230072.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Complexidade e Conhecimento Científico**. Oecologia Brasiliensis, Rio de Janeiro: PPGE/UFRJ, v. 10, n. 1, p. 10-16, fev. 2005. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/fea/ortega/NEO/JorgeVieira-Complexidade-Conhecimento.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

ARAS.ORG. **Inspiring body/embodying spirit: the art of kiki smith**. Disponível em: <<https://aras.org/sites/default/files/docs/00069fremont.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000. Disponível em: <<http://www.caosmose.net/candido/unisinos/textos/morin.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. **DELEUZE: "como criar um corpo sem órgãos"?**. Psicanálise & Barroco em revista, [S.L], v. 10, n. 2, p. 112-126, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/20/PeBRev20\\_10\\_Lucchesi.pdf](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista/revistas/20/PeBRev20_10_Lucchesi.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2016.

SMITHSON, Robert. **Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey**. Arte e ensaios-Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – EBA/UFRJ. Rio de Janeiro, ano XVII, n. 19, p.162-167, 2009. Disponível em: <[http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22\\_-Robert\\_Smithson.pdf](http://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_-Robert_Smithson.pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2016.

REDIN, Mayana. **Os meteoritos e o conceito erodido do infinito**. Carbono. natureza, ciência, arte, [S.L], n. 5, jul. 2013. Disponível em: <<http://revistacarbono.com/artigos/05os-meteoritos-mayana-redin/>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São paulo: Abril cultural, 1978. 230 p.

BERNADAC, Marie-Laure; OBRIST, Hans-Ulrich. **Louise bourgeois, destruição do pai, reconstrução do pai**: escritos e entrevistas 1923-97. São Paulo: Cosac naify, 2004. 384 p.

FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. **Escritos de artistas**: anos 60/70. Rio de janeiro: Jorge zahar editor, 2006. 461 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Ser crânio**: lugar, contato, pensamento, escultura. Belo Horizonte: C/Arte, 2009. 87 p.

FOSTER, Hal. **O retorno do real**: A vanguarda no final. São Paulo: Cosac naify, 2014. 224 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. 2 ed. São paulo: Editora 34, 2014. 260 p.

EICHBAUER, Helio. **Cartas de marear**: impressões de viagem, caminhos de criação. 1 ed. Rio de janeiro: Casa da palavra, 2013. 307 p.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 ed. São paulo: Martins fontes, 2000. 541 p.

KRAUSS, Rosalind E.. **Caminhos da escultura moderna**. 2 ed. São paulo: Martins fontes, 2010. 365 p.

KRISTEVA, JULIA. **Poderes do horror ensaio sobre a abjeção**: aproximação da abjeção. Tradução de Allan Davy Santos Sena. Paris: Éditions du Seuil, 1980. 7-27 p.

MACHADO, Roberto. **Deleuze: a arte e a filosofia**. Rio de janeiro: Zahar, 2009. 340 p.

MAYER, Ralph. **Manual do artista de técnicas e materiais**. 3 ed. São paulo: Martins fontes, 2006. 838 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. 1 ed. São paulo: Cosac naify, 2012. 250 p.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São paulo: N-1, 2014. 223 p.

VIEIRA, Jorge De Albuquerque. **Teoria do conhecimento e arte**: formas de conhecimento: arte e ciência, uma visão a partir da complexidade. 1 ed. Fortaleza: Expressão gráfica, 2006. 136 p.